

Freud e Ricoeur: uma discussão hermenêutica

Marília Muricy

Uma área pouco desenvolvida nos estudos hermenêuticos é a das trocas teóricas entre filósofos e psicanalistas. No entanto, um olhar mais cuidadoso não pode deixar de perceber que hermenêuticos e psicanalistas, trabalhando no mesmo campo de busca de significados, têm muito que dizer uns aos outros. É provavelmente movido por esta convicção que Ricoeur, em trabalhos contidos na coletânea *Conflito de Interpretações* e especialmente em um magnífico texto intitulado *Hermenêutica e Psicanálise*, estabelece um amplo e profícuo diálogo com a obra de Freud sublinhando perplexidades cuja profundidade termina por exceder, em muito, seu declarado objetivo: Demonstrar que a psicanálise é parte importante do processo cultural na medida em que através de sua interpretação do homem, termina por alcançar todo o universo de objetos que ele cria. Através dela a interpretação interfere no mundo cultural, não apenas de modo objetivo, pois ao interpretá-lo também atua decisivamente na sua construção.

Relocando a posição tradicionalmente concebida para a psicanálise, Ricoeur não a aceita como um ramo da psiquiatria que progressivamente teria emigrado para o campo da psicologia social, da arte, da moral, de religião... Do mesmo modo, ao entender a interpretação como construtora da realidade, descarta a visão da atividade hermenêutica como **método** a serviço do esclarecimento de um objeto **em si mesmo existente**, afastando-se, por exemplo, da visão simplista de alguns juristas, desnudando sua filiação à fenomenologia existencial. Não obstante, preocupado em evitar o costumeiro uso da crítica externa, têm o cuidado de deixar claro que as críticas ao pensamento freudiano, quando efetuadas, não podem circular em torno da fenomenologia da existência, a que Freud não se filiou, em qualquer momento. As observações de Ricoeur, especificamente as contidas no livro *“Hermenêutica e Psicanálise”* preferem tomar como ponto de partida o próprio conceito de consciência, na formulação cartesiana. E situa o pensamento de Freud ao lado de Nietzsche e Marx, “filósofos da suspeita” e, como se sabe, peças fundamentais na abertura da pós-modernidade filosófica: “O filósofo contemporâneo encontra Freud nas mesmas paragens em que encontra Nietzsche e Marx; os três se levantam diante dele como os **protagonistas da suspeita, os que arrancam as máscaras**”. Nasceu um problema novo: o da mentira da

consciência e o da consciência como mentira (Ricoeur, *Hermenêutica e Psicanálise*, 1975, p.03)”. Opondo-se frontalmente à filosofia da consciência, nega que a atividade consciente seja mais clara que o tido por impenetrável e enigmático mundo inconsciente. E lamentando não existir, na obra de Freud, uma epistemologia da psicanálise, rejeita a consciência como postulado de que se possa partir na busca de enigmáticos caminhos. Rompe, claramente, com o pressuposto da acessibilidade incontrastável da consciência, entendendo-a como um produto da existência. Apesar disso, reconhece - e aí a convergência entre os dois pensadores - que a leitura de Freud nos leva a identificar na consciência uma **tarefa**: “a tarefa de elaborar-se a si mesma, sua indissolúvel integração com os dados da vida inconsciente.”

A consciência é o movimento que aniquila sem cessar seu ponto de partida e não está segura de si mesma senão em seu final. Dito de outro modo é aquilo que não encontra seu sentido senão comportando-se como uma figura, nova que pode revelar, fora do tempo, o sentido das figuras anteriores.

É na riqueza do jogo analítico contido na “Interpretação dos Sonhos”, principal responsável pelo desmonte da “ilusão de uma consciência em si” que Ricoeur encontra em Freud elementos para por terra a filosofia de origem cartesiana. Nesta, não obstante se saiba que as coisas são susceptíveis de serem postas em dúvida, não se duvida que a consciência seja, efetivamente, do modo tal como aparece.

Louvando, com sutileza, a posição de Freud contrária a postura demolidora adotada por Nietzsche e Marx, Ricoeur encontra na “Interpretação dos Sonhos” o caminho para o “tempo para a dúvida” como caminho aberto pela revelação de sentidos.

A postura hermenêutica do freudismo, portanto, supera, com larga vantagem, a posição de outros autores na análise do processo de formação do eu como produto também, da atividade de interpretação. Não obstante, não parece suficiente para responder a indagação de Ricoeur quando, discutindo os problemas do sentido e do desejo em Freud, salienta a importância da constituição de um novo paradigma do sujeito, substitutivo da filosofia da consciência. É o que se depreende quando indaga sobre o que fazer após o momento em que a consciência se despe do seu mundo de fantasmas.

Se já não se pode mais falar de “dados imediatos de consciência”, necessitamos de uma mudança de signo epistemológico que nos permita falar de consciência em outro contexto semântico: consciência como algo que a si mesmo constrói.

Tudo denota um curioso fenômeno da vida intelectual: a convergência nos resultados, a insatisfação na fixação de pressupostos. Na perspectiva de Ricoeur, o domínio da fenomenologia pede algo que o freudismo não pode dar: o desate do enigma freudiano constituído pelo entrelaçamento da linguagem pulsional e a linguagem hermenêutica. Desate que, por irrealizado, leva a um equívoco epistemológico, representado pela cisão entre a identidade do eu e a identidade do sentido.

Trata-se de uma complexa equação que este artigo não tem a pretensão de elucidar, por inteiro. Talvez os psicanalistas, com sua expertise, pudessem dizer que não há momento final em que a “consciência falsa” enterra seus fantasmas e alcança, a condição de tarefa concluída, pois não há tarefa que se deixe concluir, nem fantasmas que se deixem enterrar, na incessante produtividade do eu. E, por sua vez, pudessem os filósofos afirmar que a insuficiência da psicanálise para dar conta do ser que aparece em sua totalidade, para reaparecer adiante como uma realidade distinta, deve-se à ausência, em sua obra, de uma hermenêutica da liberdade ou, talvez, da presença de condicionamentos empiristas próprios de uma época.

Indagações fazem a vida da filosofia. Encontros e desencontros a alimentam. O que não se pode obscurecer é que à obra de Freud algo faz falta, enquanto lhe sobra um legado muito maior: o quanto nela se encontra como estímulo para rever, incansavelmente, os apoios éticos do comportamento humano, tão mais importante quanto arrogantes se mostram as nossas certezas a respeito do bem e do mal e quanto cada vez mais incapazes nos mostramos para adotar a como caminho moral.

Bibliografia

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?*/Elisabeth Roudinesco; tradução, Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2000.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. Sigmund Freud; tradução, Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RICOEUR, Paul. *Hermeneutica y Psicoanálisis*. Argentina. Ed. Megápolis. 1975

RICOEUR, Paul. Conflito das Interpretações – Ensaios de Hermeneutica. Paul Ricoeur; tradução, M. F. Sá Correia – Portugal. Ed. Rés.